

HOMENAGEM TECNICELPA 23 OUTUBRO 2025

Agradeço à TECNICELPA esta distinção.

Agradeço ao Mário Amaral, meu colega e amigo, a leitura que faz da minha vida profissional. É um amigo, exagerou!

Estou aqui para agradecer.

Eu estou mesmo grata, grata pela vida, pela minha vida profissional, pela minha vida pessoal.

Da primeira, já ouviram falar e, tão bem, que não quero estragar. Da segunda, presumo que não estejam interessados, mas as mulheres são mais intimistas mesmo num evento formal e quero partilhar convosco que tenho uma família incrível, três filhos e quatro netos, de que muito me orgulho. O meu marido, o meu companheiro de mais de meio século, faleceu há quatro anos, deixando-nos um vazio enorme!

A eles, quero agradecer!

Não falando diretamente da minha carreira, talvez haja espaço para partilhar convosco porque escolhi o curso de engenharia e porque optei pela indústria, em detrimento de uma carreira universitária que já tinha, ainda que de forma insipiente, iniciado.

Quando olhamos para trás e refletimos sobre o nosso percurso de vida, encontramos marcos que foram determinantes.

Entrei, na CELNORTE, com 22 anos! Eu era uma pessoa irrequieta, reivindicativa, entusiasta. Os meus pais, particularmente, a minha mãe, rigorosa e com um invulgar sentido de exigência, a escola, os acontecimentos dum país a despertar, o forte envolvimento na crise académica de Coimbra tinham moldado a pessoa que era. Enfim, estava preparada para aceitar desafios!

Duas pessoas foram determinantes para eu ter escolhido o curso de engenharia e ter escolhido uma carreira na Indústria.

O primeiro foi um professor de física, prof Costa Paz, que, no último ano do liceu, deixou a matéria de lado, e alertou as suas jovens alunas para as subtis influências sociais que empurravam as raparigas para cursos ligados ao ensino. Apelou à nossa liberdade de escolha, falou doutros cursos e, dessa aula, estou certa, saíram várias engenheiras, médicas, arquitetas ...

O segundo aconteceu num dos últimos exames do curso. O Eng. Couto Soares, administrador da Celnorte, era nosso professor da cadeira de Organização e Gestão de Empresas. Aproveitou a oportunidade para se dirigir aos “quase engenheiros”, convidando, os que tivessem a situação militar resolvida, a falar com ele no fim da aula. Foi demasiado para uma jovem que já estava alertada para os alçapões que iria encontrar no caminho. Questionei-o, com alguma irreverência, se, com a alusão ao serviço militar, pretendia excluir as mulheres.

Pretendia mesmo e não foi fácil, mas mudei-lhe as convicções ou, pelo menos, semeiei a dúvida.

Não me candidatei, mas fui chamada, convidada!

Em 1 de setembro de 1971, iniciei a minha carreira industrial na Celnorte.

Aí, encontrei o Brochado, o Gil Mata, o Fernando Martinez e, em breve, se nos juntaram o José Luís Amaral, o Alfredo Osório, o António Carvalho, o Serafim Tavares, o Vale Rego... Todos grandes profissionais, todos bons amigos.

A Celnorte apostava em jovens engenheiros, sem experiência, mas com potencial. Coragem dos empreendedores que muito contribuiu para o sucesso do empreendimento ... e para alguns percalços, mas hoje, é dia de festa.

Esses colegas, mais velhos, mas não muito, acolheram a sua colega com curiosidade, simpatia e quase naturalidade.

Foi, no entanto, nesse início de atividade, na indústria, que ocorreram acontecimentos, alguns bem caricatos, que evidenciavam que a igualdade de género não era ainda uma realidade. O diretor da fábrica, o saudoso Eng von Hafe, quando me entrevistou estava completamente desenquadrado - por estranho que pareça não era eu que estava ansiosa - e evidenciou-o quando, circunstancialmente falei no meu marido e esse reagiu com o desabafo “casada, coitada”! Mal sabia ele que lhe estava reservado, para breve, um momento mais chocante! Ocorreu dois meses depois da minha admissão, quando me informou que, daí a 6 meses iria fazer um estágio de formação na CELBI. As circunstâncias obrigaram-me pedi-lhe para antecipar essa formação. Razão, eu estava grávida. Ficou sem reação e após um largo e, para mim, perturbador silêncio, disse “A Maria Isolete não é uma engenheira, é uma carga de trabalhos”.

Muitas foram as histórias de género desse período, umas engraçadas, outras nem tanto. Mas, reconheço e agradeço aos meus colegas de Viana por, rapidamente, me terem considerado uma entre pares.

Voltando aos marcos, outro importante aconteceu quando o colega Gil Mata, diretor fabril à época, me propôs para Diretor de Produção. Foi uma decisão corajosa que a todos surpreendeu, inclusive a mim.

Não estávamos preparados, mas a vida acontece!

Obrigada, Mata.

Gostava também de agradecer ao saudoso Brochado a sua reação, na ocasião. Sem evidenciar nenhum ressentimento, veio, imediatamente, ter comigo, felicitando-me e colocando-se à disposição da sua nova diretora! Eu tinha 33 anos, tinha sido surpreendida, ainda estava atordoada e essa reação foi muito importante! Mais tarde, num evento alargado, ele enfatizou o orgulho que sentia e agradeceu-me ter-lhe permitido ser parte da história!

Obrigada, Brochado.

Como vos disse, estou grata à vida, e, hoje, estou grata à TECNICELPA por se ter lembrado de mim, por me ter feito recordar, e estou grata a todos vocês que tiveram a paciência de me ouvir. Eu avisei-os que, hoje, o discurso seria mais intimista!

Bem Hajam!